MOVIMENTO

"PECADO MORTAL" EM VENEZA

Miguel Faria: 27 anos de idade, quatro de cinema. Realizou suas primeiras experiências em 16 mm. *"Arte-Comunicação"*, primeiro curta-metragem em 35 mm, obteve o maior prêmio no Festival de Belo Horizonte de 1968 e Menção Honrosa no Festival de Mérida, Venezuela. Produziu vários curtos, antes de partir para a longa-metragem, em 1969, com *Pedro Diabo Ama Rosa Meia-Noite*. Seu segundo longo, *Pecado Mortal*, foi selecionado para representar oficialmente o Brasil no Festival de Veneza.

FC: *Que significa "Pecado Mortal"?*

MF: *Pecado Mortal* é um filme de amor e ódio. Os personagens são arquétipos. Os sentimentos e suas contradições são ampliadas. Vivemos numa sociedade que, por necessidades econômicas, se estruturou moralmente de uma forma que os sentimentos ficaram inteiramente deformados e altamente alijados no plano social e pessoal. É a história de uma família da classe média que se destrói. O amor e o ódio estão interligados. A emoção acompanha cada personagem durante o filme. É um dado importante de todos os momentos da vida de uma pessoa, embora muitas vêzes reprimido e canalizado em neuroses, misticismos, falsas intelectualizações etc.

FC: *Aponte as influências sofridas na realização do filme?*

MF: Difícil apontar as influências sofridas em *Pecado Mortal*. Sei das minhas, que são as mais diversas, entre elas, Bresson, Paulo César Saraceni, Gláuber Rocha, Godard, e o cinema americano em geral.

FC: *Quais as relações entre "Pedro Diabo" e "Pecado Mortal"?*

MF: Acho que *Pecado Mortal* deveria ter sido meu primeiro filme. Ambos são muito parecidos, apesar de serem considerados como de diferentes estilos. Detestaria ser enquadrado em algum estilo. São dois filmes sôbre amor e violência.

FC: *Qual a importância do filme competir em Veneza?*

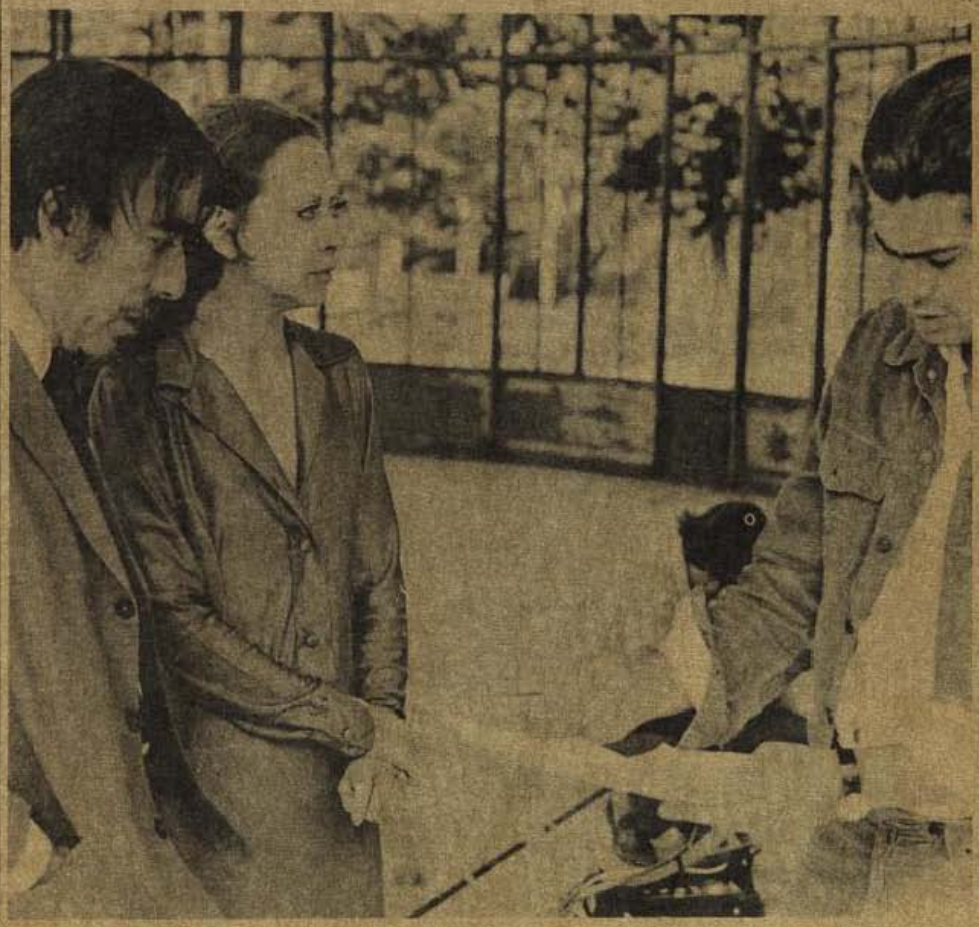
MF: Gostei de ter sido escolhido. Os festivais, de forma geral, são importantes para países que ainda não atingiram o desenvolvimento desejado. Através dêles, conseguimos atingir os grandes mercados e chegar aos grandes produtores. Competitivamente, não vejo grande importância. Em Veneza não há prêmios. Mas pretendo fazer contatos com produtores e ver as possibilidades do mercado para meus filmes.

FC: *Quais os problemas de produção que enfrentou e o custo do filme?*

MF: *Pecado Mortal*, em relação à média de filmes brasileiros, custou muito barato. Procurei fazer um filme que pudesse contar com tôda a liberdade possível. Acho que num filme cujo orçamento alcance os 300, 400 mil cruzeiros ou mais, a liberdade de ação é bem menor, porque se passa a sofrer uma série de pressões econômicas, e com isso o diretor acaba fazendo uma série de concessões. Produção de cinema tem que se adaptar à realidade de seu mercado. O aumento para 112 dias é uma medida de salvação imediata para o cinema brasileiro. Não podemos produzir filmes brasileiro se, no nosso próprio mercado, sofremos a concorrência desleal do filme estrangeiro.

FC: *Pràticamente, não há diálogos em "Pecado Mortal". Por quê?*

MF: Procurei narrar uma história, compondo os quadros com a imagem. Tudo estava tão claro, que não havia a mínima necessidade de diálogos. Como na própria vida, o silêncio às vêzes fala muito mais. No meu filme, as imagens dizem tudo.

FC: *Qual é a equipe e o elenco do filme?*

MF: Além da direção, a história, o argumento e o roteiro também são meus. A fotografia é de João Carlos Horta, que estréia na direção de fotografia de um longa-metragem. Na parte musical, utilizei diversas músicas do cancioneiro popular brasileiro. O elenco é composto por Fernanda Montenegro, José Lewgoy, Anecy Rocha, Susana Moraes, Renato Machado, Rejane Medeiros e Marina Montini. — (MA)